VIVA OS 50 ANOS DE

NAXALBARI

O MOVIMENTO NAXALITA NA ÍNDIA E SEU IMPACTO SOBRE A POLÍTICA, SOCIEDADE, CULTURA E ESTUDOS HISTÓRICOS

PROF. AMIT BHATTACHARYYA

O Movimento Naxalita na Índia e seu Impacto sobre a Política, Sociedade, Cultura e Estudos Históricos

Amit Bhattacharyya é professor do Departamento de História da Universidade de Jadavpur, Calcutá, e membro do Comitê Pela Liberdade dos Presos Políticos da Índia.

Editado pelo Núcleo de Estudos do Marxismo-leninismo-maoísmo
Brasil - 2017

Em alguns desses documentos, os revolucionários criticaram a liderança do PCI(M) por seu revisionismo e seguidismo em relação ao Congresso, enfatizados pela necessidade de formar um partido revolucionário para levar a cabo a Revolução de Nova Democracia, sendo sua essência principal a revolução agrária através da criação de bases de apoio no campo. Foi realçada a defesa do Pensamento Mao Tsetung como o Marxismo-Leninismo do tempo atual e guia da revolução, não apenas para a Índia, mas para todos os países do Terceiro Mundo na Ásia, África e América Latina. Na 'Declaração do AICCCR', a Índia foi caracterizada como uma 'neocolônia' de várias potências imperialistas 'sendo as principais os EUA e a União Soviética'.

Sua rejeição da via parlamentar foi um ponto de mudança importante na política do país. Em a 'Resolução sobre as eleições' foi especificado: "As experiências dos últimos 20 anos ensinaram ao povo indiano a verdade amarga de que a via parlamentar - como alternativa para o caminho chinês da luta armada esboçada pelo presidente Mao – perpetua suas algemas e o empobrece cada vez mais. Desde a vitória da Grande Revolução Chinesa, estivemos vivendo em uma época revolucionária de colapso célere do imperialismo e nos encontramos agora em meio a um grande levante revolucionário. Os renegados traíram a grande batalha de Telengana, mas Naxalbari se levantou no horizonte. Naxalbari provou ser o cemitério do parlamentarismo na Índia...". Em seguida clamou: "Abaixo as Eleições!". Daí em diante um novo caminho se abriu na política indiana, o caminho da luta armada e do boicote às eleições que perpetuavam o sistema existente. As eleições eram para ser boicotadas estrategicamente e não apenas taticamente. Charu Mazumdar escreveu, no final de 1968, um artigo sobre o significado internacional do boicote às eleições(11), referindo-se ao surgimento do fascismo na Europa e na Ásia, e sobre a guerra popular deflagrada contra o fascismo em ambos os continentes. A vitória da revolução chinesa e a formação da República Popular da China, em 1949, na base da aliança de operários, camponeses e outros trabalhadores, como escreveu ele, incitou as massas do mundo colonial e a luta armada começou a se desenvolver firmemente em cada colônia do sudeste da Ásia. Uma nova era havia começado a partir daí – "A era do total colapso do imperialismo mundial". Junto com isto, a guerra anti-imperialista de libertação nacional havia entrado em um novo estágio como ficou evidente no Vietnã que golpeou o imperialismo dos EUA. Mazumdar afirmou: "Na presente era em que o imperialismo se encaminha para um colapso total, a revolução em cada país tomou a forma de luta armada. O revisionismo soviético, incapaz de manter sua máscara de socialismo, foi forçado a adotar táticas imperialistas. A revolução mundial entrou em uma fase mais avançada... Nessa nova era da revolução mundial, quando a vitória foi conseguida na Revolução Cultural da China, tornou-se a principal tarefa dos marxistas-leninistas de todo o mundo estabelecer bases nas áreas rurais. Portanto, os slogans de 'boicote às eleições' e 'estabelecer bases rurais e criar

áreas de lutas armadas', que os marxistas-leninistas revolucionários fomentaram, continuam válidos para todo o período".

Embora o capitalismo global com suas características de crueldade, desumanidade e destruição pudesse sobreviver no século XXI - bem além de seu tempo, por razões que não exporemos aqui - não há dúvida de que as décadas de 1960 e de 1970 foram realmente décadas revolucionárias, cheias de imensas possibilidades.

Asit Sem escreveu um longo ensaio sobre a "Real face da Democracia Parlamentar na Índia", no qual descreve a natureza da democracia indiana, de como as classes dominantes indianas e seus representantes políticos – os líderes congressistas – tornaram-se as vítimas aceitáveis de uma nova fase do controle imperialista depois de a Índia se tornar formalmente independente; a 'traição' dos líderes do PCI, a natureza da 'democracia parlamentar' na Índia e de como as leis britânicas ainda dominam o país(12). Em outro artigo, 'Boicote às eleições', o editorial colocou a questão: "Que espécie de democracia parlamentar existe na Índia? O 'Parlamento' indiano ou o sistema parlamentar, como todos sabem, não surgiu como resultado de nenhuma revolução democrática burguesa, mas foi o produto de um compromisso traiçoeiro entre o imperialismo, os grandes latifundiários indianos e a burguesia compradora. A Constituição indiana é essencialmente a Lei de 1935 planejada pelos imperialistas para salvaguardar seus próprios interesses assim como os interesses dos elementos feudais..."(13).

Questões pertinentes continuariam a ser levantadas nos tempos que se seguiram. Se um país liberta-se das garras do imperialismo e se torna independente, em essência e forma, precisará formular suas leis e instituições correspondentes. O que aconteceu, realmente, foi o oposto do que deveria ter sido. A mesma Lei de Aquisição de Terras de 1894, o Ato Policial de 1861, o Código Penal Indiano (IPC), a mesma Lei de Sedição, etc., foram incorporados. De fato, dos 395 artigos da Constituição Indiana elaborados por nossos 'pais fundadores', quase 250 artigos foram copiados ou literalmente baseados na Lei do Governo da Índia de 1935, a lei colonial que Jawaharlal Nehru descreveu como sendo o 'alvará da sujeição'. Como pode um país ser descrito como independente quando aceita a carta de alforria como base de sua própria Constituição? Esta constituição foi formulada por uma Assembleia Constituinte (Consembleia) formada por mestres estrangeiros de acordo com os termos e condições quando, mesmo depois do dia 15 de agosto de 1947, os cidadãos da Índia 'livre' continuavam a ser súditos de Sua Majestade Imperial Britânica.

No mesmo artigo Asit Sem escreveu: "... estabelecer uma Assembleia Constituinte ... convocar e aprovar uma constituição não é o mais importante para um país que quer se tornar independente e soberano. O importante é quem convoca essa Assem-

bleia Constituinte e como ela está sendo constituída. Uma precondição é a formação de um governo temporário pelo povo que assumirá o poder. Somente esse governo pode constituir e convocar uma Assembleia Constituinte ... nenhum governo temporário foi formado na Índia e as preparações para a constituição da Assembleia foram realizadas por governadores de províncias de acordo com a diretiva de 16 de junho de 1946, do Governador Geral Britânico. Pode-se ver claramente que os governadores provinciais, agindo com o vigor da Seção 62(2) da Lei do Governo da Índia, de 1935, convocou as legislaturas provinciais para uma sessão a fim de eleger os representantes da Consembleia. Essas legislaturas, elas próprias formadas sob a Lei de 1935 e eleitas na base de franquias extremamente restritas, baseadas na propriedade ou em qualificações escolares, procederam à 'eleição' dos representantes para a Consembleia, de acordo com as diretrizes dos governadores baseadas na .... Lei de 1935. Foi assim que a Consembleia 'soberana' surgiu! Algumas... pessoas importantes... como Jinnah, Nehru, Ambedkar, etc., não foram nem mesmo 'eleitas' por essas legislaturas marionetes, mas simplesmente escolhidas pelos imperialistas britânicos para 'representar' e dirigir o povo indiano! A transferência de poder, no dia 15 de agosto de 1947, transformou a Índia em um 'domínio independente' nos termos da Lei de Independência de 1947, do Parlamento Britânico, dirigido por um Governador-Geral escolhido pelos imperialistas britânicos. O governo do 'domínio' liderado por Nehru que, como outros indianos, continuava a ser um súdito britânico, devia submissão à coroa britânica como seu predecessor, o chamado governo Interino. Esse estado de coisas continuou por cerca de três anos até 26 de janeiro de 1950...". No período subsequente, Suniti Kumar Ghosh, o líder do PCI(ML) e editor do Liberation apresentou uma proposta em seu livro sobre a Constituição Indiana (14). Tais questões – de natureza fundamentalmente séria – foram levantadas de forma determinante pela primeira vez durante o período.

Na Resolução Política do PCI(ML) a sociedade indiana foi descrita como 'semicolonial e semifeudal'. Por que foi considerada 'semifeudal'? A questão relevante é a seguinte: "A crescente concentração de terra nas mãos de uns poucos latifundiários, a expropriação de quase o total de excedente produzido pelos agricultores na forma de aluguel, os 40% da população rural completamente sem terra, a enorme exploração usurária, a cada vez mais crescente expulsão do campesinato pobre junto com a brutal opressão social - incluindo o linchamento de 'harijans', remanescentes do período medieval – e o atraso completo das técnicas de produção demonstram claramente o caráter semifeudal de nossa sociedade".(15) Por que foi considerado como 'semicolonial'?: Resposta: "A espoliação do povo indiano pela extração de altas taxas de lucros, a concentração de riqueza da Índia nas mãos de setenta e cinco compradores capitalistas, a utilização do setor estatal para os interesses dos monopólios estrangeiros e do grande negócio doméstico, e a liberdade desenfreada dos latifundiários em saquear e oprimir o campesinato com o auxílio da máquina do

Estado – tudo isto prova que são os grandes latifundiários e os capitalistas burocráticos-compradores que administram o Estado". Continua afirmando: "O controle militar, político, econômico e cultural do imperialismo dos EUA e do social imperialismo soviético sobre o Estado indiano, a ligação de sua política estrangeira com a estratégia global EUA-Soviética de cercar a China socialista e oprimir a lutas nacionais de libertação... claramente demonstram que o Governo indiano é um lacaio do imperialismo dos EUA e do revisionismo soviético".(16) No período subsequente muitas dessas formulações (que sofreram falta de explicações mais detalhadas) foram explicadas por aqueles que defendiam a mesma causa. Realmente, o movimento em sua primeira fase levantou muitas dessas questões; as respostas a várias delas foram dadas mais tarde pelos que de uma forma ou outra contribuíram para isto.

O órgão dos comunistas revolucionários era o Liberation que surgiu em novembro de 1967. O editorial do número inaugural aparecido como 'Notas' iniciou sua análise da situação indiana da seguinte forma: "O Liberation surge em um momento em que a Índia está na agonia de uma aguda crise econômica e política, quando a luta de classes em nosso país e fora dele fica cada vez mais violenta, quando os imperialistas e seus marionetes, auxiliados pelos revisionistas soviéticos, estão deflagrando uma brutal guerra fascista contra os povos de três continentes". Foi avaliada a situação política na Índia e o significado do movimento Naxalbari nas seguintes palavras: "Aqui, na Índia, uma situação revolucionária sem precedentes está sendo rapidamente desenvolvida. Os bravos camponeses de Naxalbari, armados pelo Pensamento Mao Tsetung, levantaram a bandeira da revolta contra a opressão feudal e contra o governo das classes reacionárias. Pela primeira vez na história da Índia, o movimento camponês revolucionário liderado pela classe operária foi capaz de derrubar um elo débil da corrente feudal compradora e imperialista burguesa, a despeito de todo o terror deflagrado pelos governantes. Naxalbari marca o início de uma nova era na história da Índia, o começo do fim de um velho regime de exploração feito pelo imperialismo e por seus parasitas. A mensagem de Naxalbari, a mensagem da revolução agrária liderada pela classe operária, como a única via para se completar a libertação nacional e o socialismo, está se espalhando e banindo das mentes de nosso campesinato e da classe operária as trevas do desespero e lhes instilando a consciência revolucionária e o anseio revolucionário. Naxalbari destruiu a barreira, a barreira erguida pela política revisionista para isolar o povo trabalhador da Índia das forças revolucionárias mundiais que batalham contra o imperialismo e contra a reação... Foi Naxalbari que deu ao povo trabalhador revolucionário da Índia seu lugar correto como contingente das forças revolucionárias do planeta". Afirmou em seguida: "O jornal Liberation se dedica a mais nobre de todas as causas – a libertação da classe trabalhadora. Dedica-se à causa da revolução indiana e assume o compromisso de lutar contra os imperialistas e nativos reacionários, incluindo os revisionistas e os neo-revisionistas".(17)

No Programa do PCI(ML), adotado em 1970, a burguesia indiana foi caracterizada como 'burguesia compradora'. Vamos citar trechos dele. No artigo 4, está escrito o seguinte: "A burguesia indiana, compradora por natureza, interveio para desviar a luta de libertação nacional do caminho da revolução para o caminho da acomodação e da rendição". E no art.10 afirma: "Durante esses anos de falsa independência a grande burguesia compradora-burocrata e as classes dos latifundiários estiveram servindo fielmente a seus mestres imperialistas".(18) Havia um artigo no mesmo jornal tratando do caráter da burguesia indiana.(19)

CULTURA

A) Teatro, Poesia, Canções, Contos, Romances e Filmes.

O movimento naxalbari influenciou vários campos da cultura de maneiras diversas. Uma das primeiras manifestações pode ser vista nos teatros (20). Em 1962, a Associação Popular do Drama (Gana Natya Sangha) da Associação Indiana do Teatro Popular (IPTA) estava desatualizada e precisava de mudanças básicas para se conformar à nova realidade política. A guerra de libertação nacional contra o imperialismo dos EUA, feita pelo povo do Vietnã, a Grande Revolução Cultural Proletária, na China, revoltas deflagradas em países da Europa e da América fizeram das revoltas a tendência daquele período. O meio intelectual em Bengala Ocidental não conseguiu não ser afetado por esses desenvolvimentos. De fato, havia uma busca profunda por alternativas em cada esfera da cultura – teatro, poesia, canções, contos, romances, filmes, etc.

Teatro

Um número de dramas foi escrito e representado durante aqueles dias. Discutiremos alguns deles embora brevemente. O Vamos para o mar (Cholo Sagare), de Bijon Bhattacharya, de 1970, era um amálgama de quatro dramas ligados uns aos outros, com a terceira parte referente ao movimento naxalbari. Ele acendeu o debate entre o PCI(M) e o grupo Nagi Reddy dos naxalistas, por um lado, e o PCI(ML), do outro. O texto tomou emprestadas partes do Relatório de Kanu Sanyal sobre o Movimento Camponês de Terai. (21)

Uma das pessoas a fazer um papel importante durante a fase inicial na área do drama foi Utpal Dutt. Ele iniciou no Teatro Minerva uma nova corrente teatral, radical em seu conteúdo e de forma totalmente nova. Reuniu uma nova geração de atores e atrizes – desconhecidos até então – muitos dos quais fizeram sucesso mais tarde. Quando o ribombar da trovoada da primavera atingiu Naxalbari, essas pes-

soas responderam rapidamente. O teatro foi um dos primeiros a apoiar a linha de naxalbari da luta agrária armada e a peça era A Flecha (Teer), escrita por Utpal Dutt que visitou Bengala Ocidental a fim de colher material para seu texto. Ela foi lida e apresentada a Charu Mazumdar e serviu de inspiração para a jovem geração da época. Utpa Dutt também escreveu O Chamado de Lenin (Leniner Dak), O Bramido do Mar (Kallol) e Vietnã Invencível (Ajeyo Vietnam).(22) Muitos outros autores e diretores de teatro deram notáveis contribuições nessa área.

Manoranjan Biswas em seu O Soldado (Padatik) tomou a questão rural como tema de sua peça. O escritor descreveu a revolta dos camponeses explorados pelos latifundiários em meio ao ódio de classes.

Amal Roy escreveu Pankaj Datta Está Chegando (Pankaj Datta Aaschhen) que conta a história de um líder naxalita, morto pela polícia depois de sua prisão, e cujo corpo, sem a cabeça, foi encontrado no terreno (maidan) da área Esplanada de Kolkata. Pankaj Datta na realidade representa Saroj Datta, um líder revolucionário e intelectual que foi preso em Kolkata do Sul e morto no dia 4 de maio de 1971.

Há muitos outros teatrólogos que também escreveram peças relacionadas ao tema. São eles: Sudekv Chattopadhyay – O Pássaro da Tempestade (Jhorer Pakhi); Shyamaltanu Dasgupta–Hekempur em Chamas (Agnigarbha Hekempur e Mohit Chattopadhyay – Sangue Real (Rajrakta), citando apenas alguns.

Esses artistas formaram muitos fóruns e clubes para disseminar a mensagem da luta agrária, a mensagem da revolução. São numerosos os nomes e demasiados para serem coletados por uma só pessoa. Espalharam-se por Bengala Ocidental como o fogo em uma planície. Os ativistas do movimento de naxalbari estabeleceram um fórum unido de artistas, conhecido como 'Sangjukto Ganashilpi Sangstha', em torno de cuja bandeira um grande número de fóruns se concentrou. As lutas camponesas se transformaram em um dos principais temas desses teatros, como, por exemplo, o clube Abhijan de Calcutá que apresentou um drama ilustrado, Ondulações Novas. Outro fórum, Shilpimon, fez uma propaganda interessante de natureza política: "Qual é o dever dos trabalhadores da cultura em 1967? Espalhar a mensagem de Luta pela Terra para os vilarejos, cidades e metrópoles..." Sua produção seguinte foi Tempestade (Toofan).(25) Outro drama, Além do Presente Século, (Shotabdis Pare), baseado nas lutas camponesas foi representado.

Poemas

Saroj Datta, um dos principais intelectuais e membro do PCI(ML), falando em um encontro naqueles dias tempestuosos de 1970, convocou a juventude revolucio-

nária e os estudantes revolucionários para 'se esquecerem do passado e dos velhos poetas' e darem as boas-vindas aos novos poetas com novas ideias. Os slogans revolucionários de hoje em dia deveriam se transformar em poesia. Ele considerava como 'a poesia de hoje' os slogans criados por Charu Mazumdar: "Hoje não é o dia do arrependimento, é o dia de nos inflamarmos" ou "Vamos transformar os anos 70 em uma década de Libertação". Saroj Datta, um poeta ele mesmo e intelectual revolucionário, escreveu um poema em seu estilo inimitável que é a expressão do ódio profundo de um réptil venenoso contra o encantador de serpentes que o mantém cativo.

A Noite de Lua Cheia

"Aqueles que tentam me hipnotizar
Com suas flautas, ervas e rituais,
Aqueles que me mantém cativa na cesta asfixiante
E quebram minhas presas venenosas,
Aqueles que me enrolam em seus pescoços
E me matam aos poucos,
Previno-os de que a noite de lua cheia chegou.

Quantas vezes balancei minha cabeça
Encantada pela música de suas flautas,
Quantas vezes procurei um buraco para esconder
Meu corpo cansado.
Quantas vezes exibi minha muda raiva,
Açoitei-a com minhas presas inúteis,
Martelei minha cabeça no chão!
Eles apenas se divertiam e riam.

Em cada parte de meu ser hoje
Uma dor profunda circula.
A pele sensível se desloca
A febre do sofrimento
Tortura meu corpo.
Meus dois olhos ainda são
Duas gotas de essência da raiva!

A pele foi rasgada finalmente,
E eu saio,
Nova, lisa e perigosa!
E na orgia de seus jogos

Eles se esqueceram
De minha bolsa de veneno,
Cheia até a borda hoje à noite".

O número de poemas feitos naqueles dias foi provavelmente maior do que o de canções. Tantas pessoas compuseram poemas sobre tantos temas! Um dos primeiros nomes que nos vem à mente é o de Birenda Chattopadhayay. Ele simpatizava muito com o sacrifício feito pelos naxalitas quando defendiam sua nobre causa; apreciava a filosofia deles em seus poemas, descrevendo os assassinatos, a carnificina e os protestos contra a brutalidade do Estado. O mesmo sentimento foi expressado por Sarojlal Bandyopadhyay em seu Armas mirando Armas (Astrer mukher diker).

Manibhusan Bhattacharya escreveu um número de livros contendo poemas como Noites Ansiosas (1971) (Utkanthha Sharbari), O Direito da Humanidade (1977) (Manusher Adhikar),etc., mostrando sua profunda simpatia pela causa dos jovens revolucionários. Em seu poema ilustrado Alguém e muitos mais (Ekjon ebong aaro oneke) ele descreveu a vida cotidiana, os sonhos e atividades dos jovens revolucionários naxalitas naqueles tempos, o genocídio cometido pelos órgãos do Estado, o assassinato dos naxalitas nas cadeias, o assassinato covarde e a sangue-frio de Saroj Datta, assim como a hipocrisia, o oportunismo e o silêncio dos poetas do sistema em relação a esses acontecimentos.

Samir Roy em seu Ranpaye hente jabo escreve sobre a fase sangrenta, as histórias sobre a morte de Amiya Chattopadhyay e Dronacharya Ghosh que foram espancados até a morte dentro da prisão, o estupro de Ashima Poddar dentro da delegacia de polícia e outros incidentes. A primeira peça literária do poeta Srijan Sem foi: Carta para a Mãe, da Delegacia de Polícia (Thana-garod theke ma-ke) e inclui muitos aspectos como o terror do Estado, a tortura dentro das prisões, os erros cometidos pelos militantes etc.

Sabyasachi Dev é bem conhecido por duas obras literárias : Compromisso, Tempo, Meu País (Pratishruti, Samoy, Swadesh) e Memória Silenciosa e Maré (Stabho Smriti Bahaman). Ele descreveu em quadros poéticos o assassinato brutal e o espírito de protesto de Saroj Datta. Em seus poemas dominam tanto seu sentimento de dor quanto de ódio.

Koushik Banerjee, também líder ativista, escreveu seu Com as Costas no Muro da Prisão (Jeler deoyale pith diye). Seus poemas são homenagens aos mártires assassinados. Ele demonstra seu orgulho quando se lembra de seus camaradas mortos. Em Aceito na Prosa de Agosto ('August-er godye swikarokti') ele está orgulhoso de seus camaradas martirizados.

Havia muitos outros cujos poemas se tornaram muito populares como *Manoranjam Biswas*: Lembrando Charu Mazumdar (Charu Mazumdar ke mone rekhe); Nabarun Bhattacharya: Este Vale da Morte não é meu País e Sankha Ghosh (Om Timir Baan Singha) entre outros.

Muitos poetas caíram no campo de batalha antes de terem a oportunidade de desenvolver seus talentos literários como Murari Mukhopadhyaya, Amiya Chattopadhyay, Dronacharya Ghosh, Ashutosh (Ashu) Mazumdar, Timir Baran Singha, Tushar Chandra e outros.(28)

Murari Mukhopadhyaya escreveu o seguinte poema ilustrado:

Amor (29)

"Quando estiver enamorado
não se transforme em flor,
se puder
surja como o trovão.
Eu erguerei seu rugido
Em meu peito
E enviarei o grito de batalha
Para todo canto,
Para a lua,
Para o rio,
Para as flores,
Para as estrelas,
Para os pássaros.
Poderemos procurá-los mais tarde,
Mas hoje,
Na escuridão,
A última batalha está para ser feita,
O que precisamos em nossa trincheira
É...FOGO!"

Entre os prisioneiros havia muitos poetas e os prisioneiros políticos de Hazaribagh, em Bihar, publicaram uma revista a mão, denominada Tuneer. (30)

A seguinte canção foi composta e cantada pelos prisioneiros de Medinipur Central.

A Noite Sem Fim

"A noite é sem fim,
Os jarros de arroz estão vazios,
Meus olhos, cheios de lágrimas,
E meu coração angustiado.
Como vou cuidar de minha mãe?

Não posso ficar muito tempo.
Ouço as montanhas sacudirem
Enquanto as pessoas marcham sobre elas
E as mansões dos ricos se desintegram.
Não me segure, mãe,
Já que também devo ir
Para fazer o sol brilhante se levantar."

Alguns prisioneiros políticos escreveram, com um pedaço de pedra, as seguintes linhas nas paredes de uma cela na Prisão Presidencial, em Kolkata. Isto depois que souberam do assassinato de seu camarada, Prabir Roy Choudhury, na Prisão Howrah, Bengala Ocidental, no dia 3 de maio de 1975, quando cinco naxalitas prisioneiros foram mortos por guardas da prisão.

Silêncio

"Silêncio!
Aqui dorme meu irmão,
Não fique perto dele
Com o rosto pálido e o coração triste,
Pois ele é só sorriso!
Nem cubra seu corpo com flores,
Como cobrir de flores uma flor?
Se puder
Enterre-o em seu coração.
Você irá encontrar
Os gorgeios do pássaro no peito
Sua alma adormecida acordou,
Se puder
Deixe escorrer algumas lágrimas
E
Todo o sangue de seu corpo."

Sumanta Banerjee escreve: "O efeito de um soluço mistura de forma pungente o efeito do desafio, na penúltima linha. A tristeza é com frequência equilibrada pelo ódio consumido pelo amor nesse poema".

Canções

Além dos fóruns criados pelas personalidades do teatro, havia outros criados por cantores que compunham e cantavam canções que deixavam grandes impressões em toda parte.

O dia em que foi deflagrado o levante de Naxalbari, em 25 de maio de 1967, Dilip Bagchi, um estudante da Universidade do Bengali do Norte, situada perto do lugar histórico do incidente, escreveu e compôs a seguinte canção, a primeira depois de Naxalbari e que se tornou um ícone.

Eis a tradução:

Oh Mãe Naxalbari!
Oh Naxal! Naxal! Naxalbari!
Oh Mãe Naxalbari!
Das feridas em teu seio,
O sangue é derramado
Camponeses choram em seu meio
Com o lábaro encarnado

Oh minha Mãe!
Pela lei, metade da colheita é sua
E quando chega a luta
O governo da UF recua,
Balas voam para resguardar sua labuta
Oh Naxal! Naxal! Naxalbari!

Oh minha Mãe!
Sabemos que não há esperança
Seu sangue nos tem ensinado
A corda do carrasco é lembrança
Do que nos é reservado.
Oh Naxal! Naxal! Naxalbari!

Oh minha Mãe!
De seu seio o sangue
Outros farão nascer entre nós

Cada família que encontrarmos
Terá Jangal Santhal de novo
Oh Naxal! Naxal! Naxalbari!

Depois de Dilip Bagchi, os nomes de Sananu Ghosh e Ajit Pandey nos vêm à mente. Após Naxalbari, Santanu Ghosh compôs uma canção com Ajit Pandey, Terai chora assim como meu coração, o solo de Naxalbari chora pelas sete filhas (Tarai kande re, kande amar hiya, Naxalbari mathh kande Saptakanyar-o lagiya). O que se sabe é que depois de ouvir a canção Charu Mazumdar afirmou: "Os camponeses de Naxalbari choraram por gerações. Mas agora se levantaram de seu sono, e estão rugindo". Santanu Ghosh acrescentou algumas linhas a isso e Ajit Pandey cantou: "Terai está protestando e meu coração também; os camponeses de Naxalbari estão clamando pelo poder" (33). No dia 25 de maio de 1967, quando um grande número de mulheres camponesas se reuniu sob a histórica árvore banyan, um carro da polícia passou pela estrada. Foi cercado pelo povo e a polícia abriu fogo matando onze pessoas, sendo que oito eram mulheres, dois bebês e um jovem. Houve muitos outros cantores como Paresh Dhar, Sureh Biswas, Bidyut Bhoumik, Dilip Guha e Siuli Guha, Koushik Bandyopadhyay, Ajay Das, Meghnad, entre eles. (34)

Contos

Um grande número de contos (35) foi escrito, alguns dos quais publicados e outros não. Vamos lembrar alguns deles e a diversidade de suas criações.

1. Mahasweta Devi, Draupadi (Personagem feminino do épico Mahabharata). Escrito sobre os acontecimentos do movimento naxalita sob a liderança dos adivasis nas selvas do estado de Jharkhand, o autor descreve as torturas perpetradas pela administração em Draupadi Mejen, uma ativista naxalita, e sua revolta e resistência contra os opressores.
2. Manabendra Pal, Representação (Abhinoy). Anil, um ativista naxalita e filho mais velho de Mahadev Santra, um peão, morreu em uma explosão quando preparava uma bomba. A mãe dele não pode chorar sua morte em público, pois se o fizesse arriscaria o emprego de seu marido e de seu filho caçula, e a sobrevivência devia prevalecer. Então a mãe teve de representar; desolada escondeu sua dor e tristeza como se nada houvesse acontecido e essa representação foi relatada na história.
3. Brojen Mazumdar: O Chamado de Khodhati (Khodhati Dak). O cadáver de Madhu Mahato, um ativista naxalita e grande amigo dos camponeses, foi descoberto por seu filho, Sona, sob as escadas de um cômodo isolado da casa. Sona gritou de dor e a cena do cadáver com o sangue espalhado criou milhares de tochas ardentes. O escritor levou essas tochas para o distante rio Vidyadhari.
4. Surajit Dasgupta: Aquele que não tem identidade (Parichayhara) foi escrito dentro do cenário do movimento naxalita e descreve a história cruel e perigosa da

repressão policial de uma maneira aparentemente fria. Conta a história sádica da repressão e injustiça feitas a um estudante pobre e inocente que não possuía nenhum envolvimento político. Exemplifica as histórias dolorosas e sórdidas das condições de vida e morte de tantos jovens durante o terror policial dos anos 70.

5. Sukhendra Bhattacharya, Auto-exame de uma jovem de dezoito anos (Janoika Ashtaadashir Aatmabishlesham). A polícia força a entrada em um esconderijo de Natada e seus homens são avisados por um traidor. Vendo, no entanto, que não há ninguém no local, levam Binduti, a líder. Sabendo disso, centenas de favelados juntam suas forças e correm para a delegacia para libertá-la.

6. Sukhdev Chattopadhyay, A mãe de Terai(Taraier Ma). Shantanu, um revolucionário naxalita, vai à casa de um querido amigo, Kalyan, para avisar a mãe dele de sua morte. Mas vê que é impossível dar-lhe a terrível notícia. Embora não consiga falar a verdade, a mãe se dá conta do que Shantanu não consegue lhe dizer. É uma história muito comovente.

7. Trishit Barman, Libertação (Mukti), O jovem Dyoipayan, de 24 anos, personagem central da história, fora submetido à brutal tortura policial, o que fez com que não mais pudesse se locomover. Mas ele ainda é otimista em relação a um futuro brilhante e promissor.

8. Siddhartha Ghosh, Mensagem (Barta). Quatro revolucionários foram presos pela polícia que os libertaria se dessem alguma informação. Fora esta a ordem do chefe de polícia. Como os quatro corajosos camaradas escaparam da polícia com o risco de suas vidas para manter a bandeira da revolução ondulando é o tema desse conto.

9. Timir Baran Sinhá, Soldados do Sol (Suryasena). O jovem naxalita vai para os vilarejos de Santhal e leva o povo a sair de sua inércia. Ensina-os a sonhar com uma vida como seres humanos. Seu apelo sincero produz mudanças entre os adivasis para que lutem não por si, mas pelos outros. Essa mensagem irresistível de sacrifício pelo bem coletivo e pela criação de uma nova sociedade faz com que brilhem como o sol no céu. O autor conta uma história sobre um caminho iluminado por uma nova ideologia. Na vida real, Timir GBaran Sinha morreu no campo de batalha lutando pela causa que defendera.

Romances

Um número substancial de romances(36) apareceu durante aquele período. Swarna Mitra em seu Vá para o vilarejo (Gram-e Chalo) enfocou a história da luta antifeudal no campo à luz do aniquilamento dos jotedars (camponeses ricos-NT). Relata a história de Raghu, um estudante ativista urbano que fora para o vilarejo para se integrar aos camponeses, organizá-los e levá-los a lutar contra a máquina do Estado.

Mahasweta Devi, uma mulher, escreveu um número de romances sobre temas variados e cada um deles ligados estreitamente ao movimento naxalita. São eles: Mãe de Um mil e Oitenta e Quatro (Hazar Churashir Ma), Chetti Mumda e seu Arco (Chetti Mumda ebong tar Teer), Volta para Casa (Ghor-e fera), Professor (Mastersab) e Fome (Hunger). Seu Hazar Churashir Ma é a história de uma mãe que perdeu seu filho durante o movimento naxalita e se descobre mais tarde na companhia de tantos outros filhos. O romance dela Professor é a história de Jagdish Master, líder camponês naxalita de Bhojpur, Bihar. A importância deste romance é que ele transcende os limites da história pessoal e se torna uma balada de lutas que ajudou a elevar o nível de consciência social do povo e os atraiu para o caminho de uma transformação revolucionária da sociedade.

O romance de Gunamoy Manna Shalboni, dividido em três seções e enfocando um exame minucioso, trata da história de um jovem radical que abandona seu colégio para ir para o campo se integrar aos camponeses e, assim, passa a pertencer a outra classe. Aborda o aniquilamento dos latifundiários, as operações militares do Estado contra os ativistas, a morte de militantes e as lutas agrárias entre os jotedars e os camponeses sobre a tomada das plantações. O militante urbano fora morto no campo de batalha e sua companheira dá à luz a uma criança que, homenageada pelo escritor, torna-se o mensageiro da revolução para o futuro. Tudo isto foi descrito de forma muito competente no romance.

Filmes

Filmes foram também realizados em outras partes do país em solidariedade à luta naxalbari(37). Sem dúvida, aquele período foi caracterizado por muita criação artística alimentada pelas lutas revolucionárias dos camponeses, operários, jovens e estudantes.

Os filmes se referiam a temas variados e incluíram: O Adversário (Protidwandwi) de Satyajit Tay; Entrevista (Kolkata 71) e O soldado (Padatik) de Mrinal Sem; A Tomada (Dakhol) e Terra Natal (Ma-bhumi) de Goutam Gosh; Nós queremos a Liberdade (Mukti Chai) de Utpalendu Chakaraborti; Raciocínio, Debate e Conversa (Jutki Takko Gappo) de Ritwik Ghatak; A Corrida (Dour) de Shankar Bhatttacharya; Incarnação (Abatar) de Saikat Battacharya; Descendência (Atmaja) e Frigorífico (Heem-ghar) de Nabendu Chattopadhyay, entre outros.

Antes de passarmos à próxima seção devemos mencionar um grupo cultural conhecido como Katha O Kalam.Charu Mazumdar era estreitamente ligado a ele. Ele próprio fora um operário cultural e ensinara dança e canções. Podia cantar, admiravelmente, a música de Rabindra Nath Tagore e também canções patrióticas.

(38) Podemos multiplicar esses exemplos.

B) Iconoclastia

Uma importante característica do movimento de Bengala Ocidental, no qual a juventude e os estudantes tomaram parte ativa, foram os ataques dirigidos contra os líderes políticos da burguesia indiana e os reformadores sociais do século XIX. O movimento tomou a forma de iconoclastia ou quebra de estátuas dos que foram homenageados pelas classes dominantes como heróis. No início foi um movimento espontâneo e se espalhou como fogo na planície. Os que tomaram parte nesses atos não tinham uma ideia clara de seu significado. O que tinham em mente, no entanto, era de que a quebra das estátuas era complementar aos esforços revolucionários. Mas quando isso começou a acontecer a liderança do PCI(ML) veio a público para justificar teoricamente seus atos.

Foram necessárias mudanças nos diferentes campos das atividades intelectuais – nos estudos históricos, mudança nos vários aspectos da arte e na literatura, etc., em escala raramente vista na história da Índia. Através desses atos iconoclastas, os jovens e os estudantes atacaram a história, particularmente os tempos coloniais, questionando o papel dos indivíduos homenageados como heróis pelas classes dominantes e exigiram uma reavaliação de seus lugares na história. Tudo tinha de ser justificado no contexto das lutas agrárias ou deixariam de existir. Os líderes nacionais, idealizados pelas classes dominantes para justificar a ordem existente, foram destronados e os novos heróis que lutavam por justiça, contra os governantes britânicos, os rebeldes camponeses que se revoltaram contra a opressão foram homenageados como novos heróis. As ideias começaram a ser mudadas, novas ideias ocupando o lugar das velhas. A história tinha de ser reescrita e reescrita foi.

Os que foram atacados eram os líderes de movimentos reformistas sociais do século XIX denominados de Renascença de Bengala, como Rammohan Ray e Vidyasagar, líderes nacionalistas como Gandhi (o principal alvo de ataque) e Subhas Chandra Bose, além de outros iminentes intelectuais. Nessa batalha no reino da cultura, o orgulho do primeiro lugar vai para Saroj Datta que preparou uma série de panfletos, ricos em conteúdo, ferozes na análise e inimitáveis no estilo, sob o pseudônimo de Sasanka e que fez sensação nas mentes da juventude e estudantes.

Alguns dos artigos foram elaborados durante o ápice do movimento Naxalbari, enquanto outros foram escritos depois que o movimento sofreu um revés, ou seja, no final dos anos 70.

Os artigos escritos durante o ápice desses dias tormentosos foram os seguintes:

1. Charu Mazumdar: 'Forjar estreita unidade com a luta armada dos camponeses'. (39)
2. Sasanka (Saroj Datta) : 'Em apoio à quebra de estátuas'(40)
3. Sasanka: 'Sobre Gandhi' (41)
4. Sasanka: 'Sobre Subhas Bose'(42)
5. Sasanka : ' Sobre Vidyasagar' (43)
6. Sasanka: 'Sobre Prafulla Chandra Roy' (44)
7. Partha Choudhuri (Suniti Kumar Ghosh) : "Deshbandhu" e uma importante parte da história indiana' (45)

Além destes, muitos outros artigos foram escritos e publicados anonimamente na forma de panfletos, durante o mesmo período, sobre Gandhi, movimentos camponeses, natureza da independência indiana, revisionismo e outros assuntos. Muitos deles foram destruídos ou queimados por receio a ataques policiais, como era natural naquela época difícil.

Devemos esclarecer uma coisa. Os ataques a imagens, a destruição de estátuas da Renascença de Bengala e dos líderes nacionais pelos jovens e estudantes foram feitos espontaneamente e não por iniciativa do partido revolucionário. Aconteceram como resposta espontânea às lutas revolucionárias agrárias ocorridas no campo. Uma vez iniciados, entretanto, a liderança do PCI(M-L) os divulgou, explicou seu significado e os defendeu.

Começaremos com Saroj Datta e seu 'Em apoio à quebra de estátuas'. Seu estilo de escrever era inimitável e sua pena 'afiada como uma navalha'.

"Um clamor por justiça se ergueu entre as classes dominantes e entre os intelectuais reacionários dos quais recebiam pagamento, em resposta à campanha de quebra de estátuas iniciada pela juventude e estudantes revolucionários. É absolutamente claro que ficaram bastante enraivecidos com esses desenvolvimentos. Parece-nos, a partir da maneira com que estão se comportando, que uma grande conspiração, escondida do olhar público por um longo tempo, foi finalmente revelada, para a qual eles não estão preparados, o que explica suas lamúrias, pulando como pacientes histéricos sem nenhum sentido de direção e vomitando lixo. Dhawan, o governador de Bengala Ocidental, não apenas citou o nome de Lenin como até se referiu à Revolução Cultural da China. Quando o objeto de desdém e de medo se transforma em objeto de reverência do dia para noite, não é difícil descobrir a que condição miserável foram agora colocados. Como sempre, o PCI(M) entrou em cena para resistir habilmente à campanha iconoclasta feita pelos rebeldes naxalitas. Por um lado, eles assumiram o papel de forças policiais particulares (Ver a declaração de

Promode Dasgupta (46))e por outro iniciaram sua campanha 'política' contra ela..."

Neste artigo Saroj Datta defendeu as atividades iconoclastas da juventude e dos estudantes ao argumentar que a iconoclastia era uma expressão da luta de classes, da luta entre os governantes e os governados, e que a nova geração teria de destruir as estátuas daqueles que serviam aos interesses dos opressores e construir estátuas dos rebeldes camponeses que se posicionaram contra a exploração e opressão. Esclareceu também a progressiva e patriótica luta pela independência de 1857 e o caráter revolucionário de Mangal Pandey, um soldado rebelde, e advogou a substituição de Gandhihat em Barrackpur – onde a rebelião começou – por Mangalghat. Em seu ensaio sobre Vidyasagar, Saroj Datta atacou-o por converter o Colégio Sanskrit - do qual era diretor – em um barracão do exército durante a Revolta de 1857 e também por seu apoio aos britânicos quando escreveu o livro ilustrado História dos Bengaleses. Muitas dessas declarações, a despeito das diferenças de opiniões de alguns, venceram o passar do tempo e estimularam muitas pessoas a olhar nossa história com novos olhos.

Em seu trabalho sobre Gandhi, Datta escreveu: "Não proponho me deter nas táticas procuradas por Gandhi para preservar a cultura decadente que tem suas raízes nas superstições religiosas medievais e que foi de grande ajuda para o governo colonial. Nem pretendo oferecer um relato elaborado das manobras pelas quais, em nome das reformas religiosas e sociais, ele desviou inúmeras vezes as lutas revolucionárias do povo de seu objetivo. Não quero agora fazer uma análise do caráter moral desse impostor asceta nem relatos sensacionalistas de suas práticas libertinas em nome da 'brahmacharya' (continência), que o gandiano ortodoxo, professor Nirmal Bose, colocou em suas memórias e sobre as quais, em excesso de reverência, fez uma interpretação freudiana. Mesmo que não toque nessas questões, os fatos irão jorrar da caverna escura uma vez que o bloco colocado em sua abertura tenha sido removido pela juventude revolucionária e pelos estudantes. Esses fatos irão destruir as ilusões há muito alimentadas pelo povo... Cabe aos intelectuais revolucionários assumir a tarefa de pesquisar, levar à frente a luta no setor da cultura, aquilo que a juventude revolucionária e os estudantes tomaram a iniciativa histórica de iniciar." (47) Não há dúvida de que muitas dessas ideias que levantáramos perderam sua credibilidade à luz de muitas descobertas. Nesta batalha na área da cultura, Datta se destaca entre todos.(48)

Charu Mazumdar explicou, teorizou e defendeu o seguinte: "Nos últimos meses os estudantes e jovens de Calcutá e de Bengala Ocidental declararam guerra a Gandhi e aos líderes burgueses e celebraram um festival – o festival da quebra de ídolos. Lançaram seus ataques contra o sistema colonial educacional e, sem medo da repressão, estão espalhando as chamas de suas lutas por toda a Bengala Ocidental. O que os estudantes e a juventude estão fazendo é, sem sombra de dúvida, justo e correto; nenhum sistema e cultura educacionais revolucionários podem ser criados na Índia sem destruir o sistema educacional colonial e sem demolir as imagens evocadas pela burguesia compradora." "O povo da Índia lutou para derrotar o domínio britânico; muitos heróis deram suas vidas no curso da luta. Mas não foram apresentados como modelos, suas estátuas não foram erguidas, ao contrário; aqueles que serviram e defenderam os interesses do imperialismo é que foram mostrados aos estudantes e ao povo como modelos e suas estátuas erigidas. É por isto que aqueles que acusam os estudantes e jovens de deflagrar a guerra contra a tradição nacional estão, de fato, cantando hinos em louvor à tradição criada pelos lacaios do imperialismo. Uma Índia genuinamente revolucionária e patriótica não poderá ser construída a menos que as imagens desses lacaios tenham sido varridas. Os feitos dos estudantes e juventude são, sem dúvida, atos revolucionários e estão preparando o caminho para o progresso da Índia."

"Mas essa luta deflagrada pelos estudantes e jovens não é uma luta isolada nem uma luta completa. Diferentemente da Grande Revolução Cultural Proletária na China, essa luta não objetiva a demolição de toda a superestrutura cultural e nem poderá ser levada a tal estágio. Essa luta está acontecendo porque a revolução agrária armada emergiu como uma realidade no estado de Bengala Ocidental. A base está se desfazendo com os golpes da luta revolucionária armada dos camponeses e, como resultado disto, também a superestrutura será golpeada. O processo real de derrotar a base inspira esse ataque na superestrutura; esse ataque por sua vez acentua o processo. É o chamamento da revolução agrária que faz com que os estudantes e os jovens se rebelem e estejam dirigindo seus ataques às estátuas daquelas pessoas que tentaram apagar as chamas da revolução armada das massas camponesas, pregando a mensagem da paz e das reformas. É por isto que a luta dos estudantes e jovens se tornou parte da luta camponesa..." (49)

Fase após 1972

Um impacto notável do movimento foi a reinterpretação da história do país. Velhas ideias foram destronadas com seus heróis do passado e novos heróis, como os camponeses rebeldes e revolucionários, que morreram lutando contra os dominadores britânicos, foram aclamados. A iconoclastia naxalita foi a agressão da superestrutura existente junto aos ataques à base que continuava, como resultado da revolução agrária. O movimento influenciou bastante a escrita da história. O estudo da história a partir de 'baixo', no lugar da história de 'cima', foi o que se tentou e se conseguiu.

Lado a lado, numerosas canções, poemas e contos – com seu conteúdo revolu-

cionário e inspirador – foram escritos por militantes e simpatizantes, tanto durante o movimento como durante os longos dias de prisão. Houve um crescimento considerável de literatura feita na prisão. Prisioneiros políticos mostraram marcas de sua criatividade durante os períodos de adversidade lutando contra as condições abjetas da prisão e atrocidades de todos os tipos. Foram feitos filmes e escritos romances também por intelectuais durante a época. Na realidade, Samar Sem afirmou corretamente que "nada permaneceu o mesmo depois de Naxalbari".

Nada, realmente, ficou da mesma forma depois de Naxalbari. A velha ordem cedeu lugar à nova. Enquanto alguns estudiosos como Binoy Ghosh e Sushobham Chandra Sicar modificaram sua opinião sobre a natureza da 'Renascença Bengalesa', muitos outros como Sumit Sarkar, Ashok Sem, Barun De, Badruddin Umor, Arabinda Poddar, Partha Chattopadhyay, Dipesh Chakraborti começaram a vê-la sob uma nova luz.

Ajit Choudhry, conhecido economista, escreveu: "...o PCI(ML) levantou também importantes questões políticas sobre o nacionalismo e a identidade nacional, além do papel dos intelectuais no contexto (pós) colonial. Essas questões, em conjunção com a experiência e a frustração dos partidos comunistas no poder em vários estados, levaram os marxistas a repensar nossa tradição. Os revolucionários saíram de cena, mas as questões que levantaram continuaram a perseguir as mentes dos intelectuais. Seriam eles pensadores nacionalistas? O que significaria colaboração? Como fora formada a mentalidade colonial? Os intelectuais começaram a examinar os lapsos, os limites e a ambivalência dos pensadores nacionais da Índia. Isto envolveu de forma simultânea, por parte deles, um exame de consciência: eles estariam ainda colaborando com o poder pós-colonial? ...A avaliação do discurso na Índia ficará incompleta se não for feita nenhuma referência aos mártires que quebraram as estátuas dos líderes nacionalistas e escreveram em cartas ensanguentadas a crítica do discurso nacionalista." (50). Os "Estudos Subalternos" de Ranajit Guha foram muito influenciados pelo movimento naxalbari.(51)

A respeito de Subhas Chandra Bose, Saroj Datta não foi menos crítico que ele no que se refere a Gandhi. Ele acusou Bose de ser líder dos dalals (Clãs) a serviço das potências do Eixo Alemão-Japonês-Italiano. Bose, como Datta afirmou, opôs-se veementemente aos movimentos dos operários e camponeses como demonstrado em sua tentativa de desfazer a greve dos garis de Kolkata, quando prefeito daquela cidade; sua administração em colocar obstáculos contra a greve dos ferroviários durante a conferência do Congresso de 1928; sua declaração em apoio aos proprietários das fábricas Mohini contra os operários em greve; sua declaração contra o movimento militante camponês, etc. O Azad Hind Fouj, como Saroj Datta entendeu, consistia em soldados mercenários do exército britânico-indiano derrotados e

mantidos cativos pelos imperialistas japoneses. Aquelas forças não eram motivadas pelo patriotismo.

Por ocasião do centenário de Subhas Chandra Bose, um jornal diário inglês levantou a seguinte questão em um editorial: "Qual foi, por exemplo, a natureza exata de seu relacionamento com a Alemanha de Hitler e o Japão de Hirohito? É verdade que ele próprio não era um fascista, não falava a linguagem do fascismo. Mas podemos assumir que era ignorante do que era o nacional-socialismo, seus objetivos e metas? Estaria ele cego quanto à real natureza do imperialismo japonês na Ásia, suas atrocidades e crueldades? Como esperava ele conciliar tudo isto com sua própria visão de uma Índia independente? A partir do ponto de vista puramente político e pragmático, como esperava ele se libertar de seus patrocinadores cada vez mais poderosos tendo conquistado a independência de seu país? E se ele conscientemente estava administrando o risco de colocar a Índia sob a tutela japonesa ou alemã, teria ele avaliado suas consequências contra aquelas do raj (governo-NT) britânico? Acima de tudo, como teria sido a Índia livre sob a administração de Subhas Bose e Azad Hind Fouj?" (52)

O que nos ensina a década de 1970? Mahasweta Devi escreveu muito claro a respeito:

"Esta década nos ensinou a ver tudo na perspectiva correta. Nós nos deparamos com uma Índia onde milhões de camponeses sem-terra subnutridos, servos, agricultores, pequenos camponeses, adivasis pobres, mineiros e outros trabalhadores contratados, submetidos a todas as formas de opressão, levando uma vida miserável. Esta década nos ensinou a avaliar a dor e o sofrimento de centenas de milhares de nossos compatriotas."

"Esta década nos ensinou – a escritores e intelectuais – a rejeitar as velhas crenças e a pensar sobre nosso país de uma nova forma. Podemos ousar desafiar a fama de pessoas eminentes e a história convencional. Nós absorvemos um novo ponto de vista de acordo com o qual os que apoiam a causa popular são relevantes e, os que não o fazem, não o são. Hesitamos em aceitar teorias como 'a arte pela arte' ou 'a beleza é eterna'. Estamos dotados agora de um sentido da história que nos ensina que a história real significa a história popular e ela ainda não foi escrita".

"Grandes obras literárias estão surgindo sob uma nova luz. Em minha mente aparece, com frequência, um sentimento de que, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, muitos roteiros teatrais, poemas e romances foram escritos pelo povo com o intuito de instilar ódio contra os britânicos. E por que eles procuram o tempo todo associá-lo a obras como o 'Annais de Rajasthan' de Todd ou o

Shivaji que se referem à história dos tempos medievais? Por que não o procuram na história contemporânea, nas rebeliões contemporâneas dos camponeses? Desta forma, dando as costas ao presente (como por exemplo o banho de sangue de 1970/71) e nos mantendo engajados somente no passado, nada é novo. A tradição tem continuado. Esta década nos tem ensinado que... adorar com flores não é a única maneira de mostrar respeito ao respeitável. Também não desejamos desrespeitar, mas nosso caminho é aquele guiado por um objetivo, uma análise científica. Eu não diria que essa consciência esteja totalmente ausente do passado. Mas a difusão dessa consciência deve muito à década dos anos 70". (53)

Há outras lições a serem aprendidas com Naxalbari. Primeiro, pela primeira vez na história da Índia, a juventude da classe média e os estudantes foram levados pela liderança do PCI(ML) a se integrar aos camponeses sem-terra, aos camponeses pobres e aos operários. Em muitos de seus artigos Charu Mazumdar fez uma convocação aos jovens para irem aos vilarejos, integrarem-se aos camponeses e a abandonarem sua classe de origem. Assim se fortaleceriam por conta da imersão na vida vibrante das massas camponesas e ganhariam poder criativo. Foi este o caminho maoista que Charu Mazumdar aprendeu através de sua própria prática social, além de convocar a juventude a fazer o mesmo em prol da revolução. Desde então, isto se tornou parte e parcela do comunismo revolucionário da Índia. Os comunistas revolucionários de Andhra Pradesh e de outros estados colocaram isto em prática nos dias que se seguiram. Isto também estabeleceu a verdade que, em vez de olhar as cidades como salvação, o povo deveria considerar os vilarejos, uma vez que a libertação do país está interligada com a transformação do campo.

Segundo, aquela década tumultuosa nos ensinou que nosso país na realidade não é um país independente, ao contrário; é colonizado de uma nova forma e controlado pelas potências imperialistas. Seu controle é difuso – sobre a política e economia do Estado, sociedade, cultura e também sobre nossas mentes. São eles que nos dizem como devemos pensar e como devemos proceder.

Terceiro, aquela década também nos ensinou que a menos que algumas mudanças básicas fossem produzidas, e nos tornássemos autônomos, a menos que pudéssemos ficar em pé por nós mesmos e rejeitássemos toda dependência do capital e tecnologia estrangeiros, estaríamos completamente condenados.

Passemos à próxima fase.

Importantes Contribuições à Pesquisa Histórica

Durante o período de destruição de estátuas pelos estudantes e juventude revo-

lucionários, Saroj Datta defendeu-os, explicou tais ações sob uma luz totalmente diferente e deu uma dimensão nova ao entendimento de nossa história. Ele ocupa de forma legítima um lugar de destaque na batalha no setor da superestrutura naquela fase primeira e crucial. Se a primeira fase pertence a Sasanka (Saroj Datta), a segunda pertence a Suniti Kumar Ghosh. De fato, ele explicou com riqueza de informação muitas das concepções básicas que o PCI(ML) enfatizou em seu Programa do Partido, de 1970, que não haviam sido feitas antes. Ele tratou desses assuntos levantados pelo movimento do PCI(ML) e escreveu um número de livros básicos que esclareceram muitas das concepções errôneas defendidas antes pelo povo.

O produto de décadas de investigações e estudos foram 11 livros e monografias, grandes e pequenos. Foram eles:

1. 'A Grande Burguesia Indiana: sua Gênese, Crescimento e Caráter' (1985) ;
2. 'A Índia e o Raj' – 1919-1947 – Glória, Vergonha e Servidão', em dois vols. (1989,1997);
3.'O Problema da Nacionalidade na Índia e as Classes Dominantes' (1966);
4. 'A Mão Forte do Imperialismo sobre a Agricultura Indiana (2001);
5. A Constituição Indiana e sua Análise (2001);
6. 'A Política Econômica da Divisão de Bengala' (2001) (Bengala Bibhager Orthaniti);
7. 'Planejamennto do desenvolvimento na Índia: Lumpendesenvolvimento e Imperialismo' (2002);
8. 'A Aventura da Guerra Índia-China de 1962 no Himalaia – Causas e Consequências' (2002);
9. 'A Trágica Divisão de Bengala' (2002);
10. O Partido Comunista da Índia (Marxista) Uma Avaliação' (2004)(Bharater Comunist Party (Marxbadi) Ekti Parjalochana);
11. 'Naxalbari : Antes e Depois. Reminiscências e Avaliação (2009);

Além desses, ele preparou também uma antologia do 'Liberation' – o órgão central do AICCCR e em seguida do PCI(ML) do qual ele próprio era editor. O título é ' A Virada Histórica – Uma Antologia da Libertação', em dois vols. (1992-1993). Esta antologia é entendida como a fonte primeira da reconstrução da história da tumultuosa primeira fase.

O primeiro livro de Sumit Kumar Ghosh é "A Grande Burguesia Indiana: sua Gênese, Crescimento e Caráter", publicado em 1985. Muita controvérsia circunda a questão do caráter da burguesia indiana e seu papel na política indiana, tanto no passado como no presente. Se a burguesia indiana abrangeu e ainda abrange duas seções – a nacional e a compradora – é assunto de debate infindável desde

que o Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista) formulou que a burguesia indiana é compradora em seu caráter. Por um longo tempo a burguesia indiana era entendida pelos historiadores e economistas como uma classe homogênea, não diferenciada em seu caráter. Quando falavam sobre a burguesia indiana normalmente se referiam aos Tatas, Birlas, Mafatlals, Goenkas e outros. Esses capitalistas eram representantes da grande burguesia. Referiam-se à empresa swadeshi (burguesia de capital nacionalista indiano), mas apenas no contexto do movimento político antidivisão e en passant. Esses estudiosos não deram nenhuma importância às pequenas e médias seções da burguesia indiana. Para eles a burguesia indiana era uma classe monolítica, de caráter nacional.

Suniti Kumar Ghosh refutou o argumento desses estudiosos com riqueza de detalhes e critério político. Para ele, ao contrário das suposições usuais, a burguesia na Índia compreende, há muito tempo, duas seções, uma como agente do capital estrangeiro e dos interesses ligados a eles; outra que se posiciona por um desenvolvimento independente da economia indiana. Em uma edição revisada, ele escreveu, depois de mais estudo e investigação, que a burguesia indiana consistia de três seções, grande, média e pequena. A burguesia compradora compreendia toda a grande e parte da média burguesia, enquanto a burguesia nacional englobava toda a pequena e a outra parte da burguesia média. O trabalho é considerado uma contribuição maior ao assunto e traz uma abordagem totalmente nova.

Seu trabalho seguinte é 'India e o Raj – Glória, Vergonha e Sujeição – 1919-1947', em dois vols. (55) É uma sequência de seu trabalho maior sobre o assunto. Enquanto 'A Grande Burguesia Indiana' trata das relações econômicas entre a grande burguesia indiana e a burguesia imperialista, seu 'Índia e o Raj' trata principalmente das relações entre Gandhiji e outros congressistas, os grandes representantes da grande burguesia tais como G. D. Birla e o raj britânico. Na realidade, é uma aplicação ao estudo das relações econômicas. Ao fazer isto, ele destruiu o mito sobre o qual o povo se alimentara, por muito tempo, através da historiografia convencional. Vejamos como Ghosh acabou com muitos mitos e de como explicou e defendeu várias concepções teóricas feitas pelo PCI(ML) do qual ele próprio era parte integrante.

Na historiografia da moderna Índia, é quase verdade axiomática que os defensores da elite e os da política do povo tinham o mesmo ponto de vista, ou seja, a conquista da independência, a despeito de suas diferenças nos métodos de luta. Ghosh, entretanto, argumenta que os dois domínios diferem não apenas nos métodos de luta, mas também nos objetivos. De fato, possuíam "objetivos conflitantes". Enquanto o domínio da política do povo pretendia a realização da independência através de métodos violentos e não-violentos, a meta do domínio da elite política não era a conquista da independência, mas, para usar as palavras de G. D. Birla, em 1932:

'ter um local decente na moradia do Rei George V". Ghosh assume uma posição diferente não apenas da historiografia convencional, mas também das posições de 'esquerda' de vários matizes.

Gandhi, de acordo com Ghosh, fez um jogo duplo e enganador, pregando a não-violência nas lutas do povo contra os britânicos, contra os latifundiários nativos, príncipes e capitalistas, mas rejeitou este credo em favor da doutrina da violência para defender os interesses dos opressores. Refere-se à participação direta de Gandhi na guerra deflagrada pelas tropas britânicas contra os Boers (1899) e contra os inocentes Zulus no sul da África (1906). Gandhi convocou o povo para apreciar e perdoar os opressores britânicos, mas esqueceu seu evangelho de amor e perdão quando isto se estendeu aos revolucionários durante a I Guerra Mundial, a Bhagat Singh e outros, além dos bolcheviques. Por um lado, Gandhi denunciou 'os crimes de Chauri Chaura' e, por outro, não hesitou em agir como agente ao recrutar pelo menos 20 camponeses de cada vilarejo para servir de bucha-de-canhão para defender o Império Britânico contra o qual - como defendem historiadores de direita e de 'esquerda'- supunha-se que ele havia lutado a vida toda.

Uma das melhores e mais reveladoras partes do livro é quando o autor aborda a justificativa filosófica de Gandhi da violência. É ali que o chamado 'apóstolo da não-violência' entra em cena como o apóstolo da violência, defendendo o uso dela não apenas na prática, mas também na teoria. Esta justificativa filosófica da violência nunca foi mencionada pelos historiadores. Foi em 1918, quando Gandhi estava servindo como um agente recrutador em defesa do Império Britânico, que ele surgiu como o campeão da violência. Vamos citar alguns trechos do livro como os mais iluminados.

Em uma carta para C. F. Andrews, Gandhi afirmou: "Não se pode ensinar ahimsa (não violência) a um homem que não sabe matar. Não se pode fazer com que um homem mudo aprecie o valor do silêncio. Embora eu saiba que o silêncio é excelente, não hesito em criar meios que possam incapacitar o homem mudo a voltar a falar".Andrews respondeu: "Não vejo a analogia do homem mudo em sua carta. Parece perigosamente perto do argumento de que o indiano que se esqueceu da sede de sangue possa ser encorajado a aprender de novo e repudiar novamente mais tarde por sua própria conta". No encontro realizado em um vilarejo em Kheda, ele disse: "A habilidade de usar a força física é necessária para uma completa apreciação de satyagraha. Só pode praticar ahimsa quem sabe matar, isto é, quem sabe o que significa ahimsa." Disse novamente: "Para quem quer aprender a arte de lutar, para quem gostaria de aprender a matar, eu até recomendaria o uso da força... Aquele que não sabe como sacrificar sua vida sem matar outros, pode aprender como morrer lutando". Ao saudar o Relatório Montague-Chemlsford de 1918, ele escreveu a V. S.

Srinivas Sastri: "O portal para nossa liberdade está situado em solo francês. Nenhuma vitória vale o nome que tem, sem o derramamento de sangue". Em outra carta a Andrews datada de 29 de julho de 1918, Gandhi afirmou: "A guerra sempre estará entre nós. Não parece haver nenhuma possibilidade de que a natureza humana se transforme.... Há uma ahimsa real em defender minha mulher e filhos mesmo com o risco de abater a pessoa errada". (56)

Se essa foi a realização de Gandhiji, caso se deva primeiro conhecer a arte da violência antes de se praticar a não-violência, então por que ele fez pregações infindáveis de que não se deveria levantar a mão contra as potências imperialistas que haviam trazido fome, privação, humilhação, escravidão e ruína para milhões de nossos compatriotas? Não parece que a crença da não-violência tenha sido criada para privar o oprimido da arma que os opressores usam livremente?

Outra parte reveladora de seu livro é a que se refere à atitude de Gandhi quanto aos muçulmanos. Gandhi foi aclamado pelos historiadores convencionais como o 'pai da nação', o construtor da nação indiana. Ghosh considera isto um mito e argumenta que a teoria e a prática de Gandhi foram boas não para construir uma nação, mas para desconstruí-la. Ghosh assinala que quando Gandhi fala das relações muçulmanas ou hindo-muçulmanas o faz não como indiano, não como líder de todas as comunidades religiosas, mas como um hindu. De fato, toda a sua abordagem foi corrompida pelas considerações comunais e pelo obscurantismo religioso. Suas afirmações seguintes são bastante reveladoras: "Tenho mais afeto a minha religião do que a meu país e ...portanto sou hindu primeiro e nacionalista depois". Falando para os "Muçulmanos da Índia" ele afirmou que "os bravos Irmãos (Ali) prezam seu país, mas são muçulmanos primeiro e tudo o mais vem depois. Deve ser assim com todas as pessoas que têm uma religião".(57)

O interessante é que Gandhi até descobre virtudes na matança mútua de hindus e muçulmanos. Outra parte geralmente desconhecida – um fato empurrado para debaixo do tapete pelos historiadores convencionais tanto nas variedades de direita quanto de esquerdas – é que sua crença na não-violência não se aplicou à resolução da tensão hindu-muçulmana. Escreveu ele: "As disputas entre os hindus e muçulmanos de certa forma nos são desconhecidas, uma luta pelo Swaraj (auto-governo NT). Esta luta infeliz é, entretanto, um sinal de crescimento. É como a Guerra das Rosas. Fora dela surgirá uma nação poderosa" (58) Assim, para 'o pai da nação" não seria uma luta militante anti-imperialista, mas uma violência intercomunal que iria forjar uma nação e torná-la poderosa. G. D. Birla, um dos grandes representantes da grande burguesia indiana, tinha pontos de vista idênticos. Para Birla, como para Gandhi, o obstáculo real ao progresso da Índia não era o imperialismo britânico, mas a desunião hindu-muçulmana. É por isto que, como Ghosh argumenta, muito

antes de a Liga Muçulmana demandar a divisão da Índia, Birla havia pleiteado isto, um fato do qual os historiadores não estavam cientes ou ignoraram. Em sua carta datada de 11 de janeiro de 1938 para Mahadev Desai, o secretário de Gandhi, ele escreveu: "Eu me questiono por que não poderíamos ter duas federações, uma de muçulmanos e outra de hindus... receio que o que vai impedir nosso progresso é a questão hindu-muçulmana, nossas disputas internas, e não os ingleses". (59)

A questão que se levanta naturalmente é: o que faz com que essas obras sejam importantes? Por que deveriam tais obras ser denominadas de rupturas com o passado? Em um sentido, todos os trabalhos de Ghosh, não apenas estes dois, teriam seu início em 1967, o ano de Naxalbari, o ano do destino de muitas pessoas na Índia. Em uma conversa pessoal comigo, Suniti Kumar Ghosh afirmou que não teria havido Naxalbari se não houvesse esses trabalhos. Como as lutas camponesas aumentavam repentinamente, em diferentes partes do país, a juventude e os estudantes revolucionários se tornaram inspirados e agitados em suas atividades iconoclastas feitas sem nenhum entendimento do que estavam fazendo, ou quais as implicações que seus atos teriam, impulsionados por uma época histórica no setor da cultura. Os representantes da velha ordem, os que se opuseram às lutas antifeudais e anticoloniais do campesinato, os que se colocaram ao lado da classe dominante colonial contra os revolucionários militantes foram atacados e suas estátuas destruídas. Charu Mazumdar defendeu e explicou esses atos fundamentados na relação base-superestrutura, ligando-a com a erosão da base devido às lutas agrárias no campo e ao inevitável embate da superestrutura no seu despertar. Saroj Datta interpretou o passado em termos de seu ativo relacionamento com o presente, desafiou ou procurou destruir esses legados reacionários e, fazendo isto, abriu novos campos de questionamento e de ação. Esta fase testemunhou a publicação de uma safra de literatura inteiramente nova, marxista, certamente, rica em potencial, científica em sua análise, inimitável no estilo e tão poderosa que causou pavor aos adversários e admiração aos aliados.

Uma pesquisa em nossa história começou não quando o movimento sofreu um revés, mas quando já havia atingido seu ápice, em 1969-1970. O empreendimento foi feito por intelectuais revolucionários, muitos deles ativistas partidários, e o resultado foi a publicação de alguns panfletos clandestinos de áreas diferentes. Esta luta no setor da superestrutura foi levada a cabo, pelo menos parcialmente, por intelectuais revolucionários alojados em várias prisões durante os anos de 1970 (parcialmente porque o clima nas prisões de Bengala Ocidental não era nada favorável a se fazer estudos e pesquisas sérios). Com a soltura de prisioneiros políticos depois das eleições de 1977, muitos artigos viram a luz do dia através de Pequenas Revistas durante os anos de 1980. Tudo isto enriqueceu o entendimento de nossa história passada e ajudou a revisar ou mudar totalmente nossas crenças e concepções ante-

riores. Sem dúvida, a pesquisa histórica nunca mais seria a mesma.

O livro de Suniti Kumar Ghosh tem de ser avaliado em seu contexto histórico. Ele foi um dos que estavam à frente da luta deflagrada pelo PCI(ML) e ele, como Saroj Datta, também contribuiu para a batalha no domínio da cultura. Muitas das ideias fundamentais expressas por ele em seus estudos são as que tinham começado a se mostrar nos anos de 1960, com uma diferença básica. Os escritos do período anterior eram na forma de panfletos que abriram novas portas de conhecimento e proporcionaram diretrizes a serem seguidas por intelectuais em futuras pesquisas. A importância dos estudos de Ghosh está no fato de que muitos deles constituem o primeiro estudo de uma fase de nosso passado colonial ao longo dessas normas e, ao fazer isto, ele desenterrou muito material e deu novos passos que não haviam sido dados antes. Seus estudos formam assim uma importante parte dessa cadeia; ao mesmo tempo um desenvolvimento sobre ela também. Acadêmicos convencionais que escreveram sobre a fase gandhiana raramente fazem uma interpretação totalmente textual das obras e atividades de Gandhi, sua doutrina de não violência, etc. Falham em ver que cada vez mais Gandhi assume uma postura pública que era muito diferente do que realmente afirmara durante as conversações com os grandes representantes do raj britânico. O compromisso de Gosh a uma causa demonstra mais força inspirando-o a estudar mais de noventa volumes das obras escolhidas de Gandhi, sem mencionar muitos outros escritos oficiais e particulares.

O outro livro de Ghosh "Planejamento do desenvolvimento na Índia: Lumpendesenvolvimento e imperialismo" é uma crítica às medidas de planejamento da política pró-imperialista. A despeito das grandes alegações sobre a natureza 'socialista' dos cinco planos anuais da Índia, tais planos foram um desastre para assegurar um mínimo de bem-estar ao povo, sem contar a realização do socialismo. Ghosh assinala que foram os governantes britânicos que iniciaram o exercício de 'planejamento' na Índia, para implementar seus próprios interesses e juntaram-se a eles as amplas seções dos grandes negócios indianos. Apesar de parecer uma formação de mecanismos reguladores, os Planos, longe de exercerem um controle rígido sobre a economia favoreceram os magnatas dos negócios e a elite rural. Quando os países capitalistas avançados foram atingidos pela recessão a partir de 1978, foram perspicazes em exportar mais bens de capital e bens de consumo de luxo para os países do Terceiro Mundo, como a Índia. Desta forma seriam removidas todas as restrições a sua exportação. Seus interesses convergiam com os interesses dos grandes compradores indianos. O vento da 'liberalização' afastou as restrições e abriu as portas para uma pilhagem voraz do país pelo capital imperialista e pelos colaboradores domésticos. Ghosh, com riqueza de detalhes, jogou mais luz sobre o modelo antipovo de desenvolvimento do lúmpen e afirmou que se o povo indiano tomasse seu destino em suas próprias mãos e ousasse lutar e ganhar, poderia então quebrar

o domínio imperialista e inaugurar um novo planejamento e desenvolvimento em prol do povo baseado na autodeterminação.

Até agora temos procurado fazer uma breve e abrangente análise do impacto do movimento revolucionário naxalita sobre a superestrutura. A menos que houvesse um 'Trovão da Primavera', o mundo teria permanecido o mesmo para o povo indiano. Foi o movimento histórico em sua base que causou uma profunda impressão no setor da cultura e foi esta mudança na superestrutura que trouxe cada vez mais pessoas para lutar por uma causa que eles estimavam. Como as lutas revolucionárias populares avançaram a despeito de todas as disparidades e se espalharam por novas áreas, muitas novas colheitas foram feitas no setor da cultura – em Dandakaranya, Jângal Mahal. Jharkhand, Ghats do Oeste e em outros locais junto com a emergência dos novos fóruns populares. Novas canções, poemas, contos, romances, danças, animações, filmes, documentários em diferentes línguas regionais apareceram em intervalos regulares. Como os maoistas e seus simpatizantes celebraram o 50° aniversário da luta de Naxalbari, muitas dessas sementes estão sendo colhidas. O objetivo é a criação de um novo mundo, livre da exploração e da injustiça, a realização de uma sociedade onde os valores humanos triunfem sobre a ganância do lucro.

Referências

1. Para detalhes da história anterior, há vários livros a serem recomendados. Entre eles, os leitores encontrarão os seguintes, autênticos e educativos: Sankar Ghosh, O Movimento Naxalita, Calcutá, 1975; Sumanta Banerjee, No despertar de Naxalbari – A História do Movimento Naxalita na Índia, Calcutá, 1980; Suniti Kumar Ghosh, Naxalbari, Reminiscências e Avaliação do Antes e do Depois, Calcutá, 2009.
2. Procurar Samar Sem, Debabrata Panda e Ashish Lahiri (Ed) Naxalbari e o Depois – Antologia, vol 1, Calcutá, Junho de 1978.
3. Ver Introdução a Suniti Kumar Ghosh com um grupo de Editores Associados (Ed). A Virada Histórica – Uma Antologia da Libertação, vol. 1, Calcutá 1992; ver também seu Naxalbari o Antes e o Depois...ibid, pps 121-138.
4. Liberation, vol.1, no. 2 (Dezembro de 1967).
5. Liberation, vol 1, no. 8 (1968).
6. Foi adotado pelo AICCCR, em maio de 1968 e publicado no Liberation, vol. 1, no. 8(Junho de 1968).
7. Liberation, vol, II, no. 1 (Novembro de 1968).
8. Liberation, vol. II, no. 1 (Novembro de 1968).
9. Liberation vol. III, no. 7(Maio de 1969).
10. Liberation, vol III, nos. 7 e 9 (Maio e julho de 1970).
11. Charu Mazumdar, Boicote às Eleições- O Significado Internacional do Slo-

gan, Liberation, vol II, no. 2 (Dezembro de 1968)

12. Asit Sem, A Face Real da Democracia Parlamentar na Índia, Liberation, vol.II, no. 3, janeiro de 1969, O órgão bengalês Deshabrati apresentou artigos sobre a importância da luta naxalbari, a maioria não estando disponível. Dos que estão, podemos nos referir a Dê Apoio a Naxalbari (Naxalbari Samarthane danran), publicado na primeira edição do periódico. Ver Deshabrati, 1°. Ano, no. 1, 6 de julho de 1967, reproduzido em Ebong Jalark, 1°. Ano, no.2, outubro-dezembro de 1997.

13. O editorial ilustrado Boicote às Eleições, no Liberation, vol. 1 no. 9, julho de 1968.

14. Suniti Kumar Ghosh, A Constituição Indiana e sua Análise, RUPE, Mumbai,1968.

15. Ver Resolução Política do Partido Comunista da Índia (Marxista-Leninista), no Liberation, vol. II, no. 7 (Maio de 1969).

16. Ibid.

17. Ver Miscelânea 1 do Liberation –novembro de 1967, pgs 3-5.Aqui o 'revisionista' apóia o PCI e o neo-revisionista o PCI(M). Na fraseologia chinesa, um revisionista é aquele que distorce o marxismo tirando sua essência revolucionária, renuncia ao caminho da luta armada e defende o caminho do parlamentarismo e da transição pacífica ao socialismo. Os naxalitas, guiados pelo Pensamento Mao Tsetung, defendem a máxima marxista de que "a força é a parteira da velha sociedade que contém a nova".

18. Ver artigos 4 e 10 no Programa do Partido Comunista da Índia (Marxista Leninista) no Liberation, vol. III, nos. 7-9 (Maio e julho de 1970).

19. Ver Bhowani Pathak, O Caráter da Burguesia Indiana, em Liberation, vol. 1, no. 2, dezembro de 1967, pps. 76-82. Incidentalmente, Bhowani Pathak foi o pseudônimo de Suniti Kumar Ghosh que, mais tarde, fez um estudo detalhado do caráter da burguesia indiana. A burguesia indiana, de acordo com ele, não era uma classe diferenciada, mas dividida em três seções, grande, média e pequena. A burguesia compradora consistia do total da grande e uma seção da média, enquanto a burguesia nacional consistia da total da pequena e uma porção da burguesia média. Durante minha conversa com ele, ele me informou que naquele tempo não foi feita nenhuma diferenciação e a burguesia indiana foi caracterizada como compradora; no entanto, o entendimento básico entre os líderes foi o seguinte: quando se referiam à burguesia indiana como 'compradora' eles na realidade queriam dizer a grande burguesia mesmo se não a mencionavam especificamente.

20. A menos que seja mencionada de forma diferente, a discussão sobre teatros, canções e contos está baseada em uma entrevista com Siddhartha Saha, um estudante ativista durante aqueles dias. A entrevista foi feita no dia 2 de setembro de 2012.

21. Ver tese não publicada de Sreyashi Ghosh, Ithas charcha o Sanskriti Jagate Swadeshi, Progati o Naxalbari Aandolaner Probhab, 2012, Departamento de Histó-

ria, Universidade de Jadavpur.

22. Ver tese de doutorado por Sreyashi Ghosh, ibid; ver também Nirmal Ghosh, Naxalbadi Aandolan O Bangla-Sahitya,Karuna Prakashani, Kolkata, Magh 1401 BS (1994);

23. Ibid.

24. Ver anúncio em Deshabrati, 1°. Ano, no. 6, 10 de agosto de 1967, ver também anúncio ilustrado Dhaner kshet gram-e gan-e nagor-e bandor-e Paschimbanga ki prostut? Ebara sore "Teer" em Deshabrati, 14 de dezembro de 1967.

25. Sangjukto Ganoshipi Sangstha-r dwitiyo sammelan in Deshabrati, 23 de novembro, 1967. Ver também Deshabrati, 17 de outubro de 1968.

26. Progatishil Natoker por Pulishi santrah, em Deshabrati, 26 de outubro de 1967.

27. Sumanta Banerjee, Livro de Thema da Poesia Naxalita, Thema, Kolkata, 2009, pp. 52-53.

28. Ver tese de doutorado, por Sreyashi Ghosh, op. cit.; Shottor-er Shoheed Lekhak Shipi gronthaq, Ebong Jalark, Kolcata, 25 de maio de 1998; Arjun Goswami Ed, Naxalbari Aandolan-er Dinguli, Knowledge Publishing House, Feira do Livro de Kolkata, 2009.

29. Para os poemas ver Livros de Thema. op. cit. 54-55.

30. Ibid. pp. 54-55, 29.

31. Ibid. pp 91,12.

32. Para o original em bengalês composto por Dilip Bagchi, ver Ebong Jalark Charu Mazumdar no. 8, ano 16, nos. 1-2, abril-setembro de 2013,pp. 275-76. Para a tradução em inglês, ver Abhijit Das. Pegadas dos Soldados Experiências e Reminiscências do Movimento Naxalita no Leste da Índia- 1960 e 1970, Setu Prakashani, Kolkata Delhi, janeiro de 2015, p. 56.

33. Ver Amit Bhattacharyya, Memórias do Cárcere nos Resplandecentes Anos Setenta, (Karasmriti Shottorer Mashal) Setu Prakashani, Kolkata.

34. Ibid. Os nomes desses noves mártires estão inscritos ao lado da escola primária, não muito longe da histórica árvore banyan, em uma pequena coluna nas vizinhanças. Os dois bebês de seis meses de idade eram provavelmente muito crianças para terem seus nomes revelados. Isto se baseia em minha visita pessoal ao local.

35. Para detalhes, ver Bijit Ghosh ed, Histórias do Movimento Naxalita (Naxal Aandolan-er Galpo) janeiro de 1990.

36. Para detalhes sobre os romances, ver tese de doutorado não publicada, por Sreyashi Ghosh...op.cit;Basunitr Choudhuri, Samayer Obhighal Naxalbari O Bangla Katha-sahitya, em Aneek; ano 29, nos. 3-4, setembro-outubro, 1992; Biplab Maji, Bangla Upanyas-e Naxal Aandolan, em Anustup,Ano 41, 3-4, 2007. Ver também Mahasweta Devi, Rachana Sangraha, vol. 8, editado por Ajoy Gupta, Dey's Publishing House, Kolkata, Baisakh 1410 Bs (abril de 2003), passim, p. 462.

37. Tese não publicada de doutorado por Sreyashi Ghosh, op.cit. Para mais de-

talhes sobre o impacto sobre os filmes ver Pradip Basu ed, Naxalitas Vermelhos ou Prateados in Cinema, Setu Prakashani, março de 2012, passim.

38. Em uma declaração confessional feita por Manoj Dasgupta, de acusado de delito no. 142, datada de 24 de maio de 1973, na delegacia de Entally, além de outras coisas, foi dito: "Havia um clube chamado Katha O Kalam, em Siligurim que era realmente o centro cultural de pessoas que professavam a ideologia naxalita. Depois me tornar membro, eu me tornei gradualmente um apoiador da política naxalita e entrei em contato com líderes como Khokan Mazumdar, Jaydeb Bakshi, Sunil Ghosh, Kamalesh Goswami, Tapan. Quando nos reunimos a discussão prevalente foi como uma atmosfera revolucionária poderia ser criada para que o governo da Índia fosse derrotado pela guerra armada revolucionária..." (A tradução do bengalês foi minha). Desnecessário dizer que tais afirmações confessionais eram monitoradas pela polícia a fim de enquadrar determinados indivíduos assim como fóruns de massa cujas vozes não se conformavam com as das classes dominantes. Ver Declaração Confessional dada por Manoj Dasgupta, S/O Ananta Dasgupt de Sucheta Nagar, PO, Haltu, 240Parganas perante Sr. S.K. Dasgupta,Magistrado Jurídico, Terceira Corte, Sealdah, 24-Parganas, datado de 13 de junho de 1975, no Relatório de Primeira Informação (FIR), Delegacia de Entally, Subdivisão de Sealdah Dist. 24-prgs,Sec – 'Q' Caso no.142,datado de 24/5/73 U/S 20 B/121/12 1ª/148/149/307/302/395/396/397 IPC, 43(5) DIR Procedimento Criminal Lei X de 19882, Seção 173. Acusaçãos feitas pelo inspetor Ranajit Guha Neogi do Departamento de Detetives, Polícia de Calcutá.

39. Charu Mazumdar, Forjar uma Estreita Unidade com a Luta Armada dos Camponeses Liberation, vol. III, no. 3, agosto de 1970.

40. Deshabrati, 20 de agosto de 1970.

41. Deshabrati, 6 de junho de 1970.

42. Deshabrati, 20 de março de 1971.

43. Deshabrati,30 de setembro de 1970.

44. Deshabrati, 5 de novembro de 1970.

45. LIberation, janeiro-março de 1971, vol,. 4 no. 3, PPS 44-69.

46. Este foi o período do regime de Indira-Siddhartha – um regime que testemunhou o assassinato de jovens a sangue frio, pela polícia e pelo exército. Os quadros do PCI(M) e os trabalhadores do Congresso trabalharam juntos para espancar os revolucionários naxalitas. Foi este o inicio do período dos falsos encontros. O líder do PCI(M), Promode Dasgrupta, provocou as forças da polícia para atacar e matar mais e mais naxalitas. Afirmou: "Por que os naxalitas não estão morrendo?Anticoncepcionais estão grudados nas balas?" Isto nos mostra o verdadeiro caráter da liderança do PCI(M).

47. Este trecho foi traduzido por Suniti Kumar Ghosh a meu pedido há muito tempo.

48. Para uma discussão detalhada sobre o impacto de Saroj Datta – tanto destrutivo quando criativo –ver o artigo de Amit Bandyopadhyaya ilustrado Saroj Kumar Datta O Oiponibeshik Bharater Itikas, em Alok Mitra (ed), Prometheus Agun Shahid Saroj Datta, Ubudosh, Calcutá, dezembro de 1999, pp. 179-191. Ver também o artigo de Bandyopadhayay em Sukhendu Sarkar ed, Marane Meleni Chhuti Saroj Datta: Shristi O Sankalpe, Comitê Shaheed Datta Smriti-raksha, Kolkata, 13 de março de 2014, pp. 292-306.

49. Charu Mazumdar, Forjar Estreita Unidade com a Luta Armada dos Camponeses, em Liberation, vol. III no. 3, agosto de 1970. Havia um debate dentro do PCI(ML) se a destruição de todas as estátuas sem dar a devida consideração à natureza de seu papel, seria aceitável ou não. Sushital Roy Chouhury, embora favorável à destruição das estátuas de Gandhi, era crítico em relação às de Vidyasagar ou Rammohan, já que, em sua opinião; eles representavam os elementos progressistas dentro do literati. Seu documento foi conhecido como o "dalil de Purna". Charu Mazumdar criticou sua posição em um ensaio: "O documento de Purna não é válido para nós".

50. Artigo de Ajit Choudhury em Repensando o Marxismo na Índia: a Herança que renunciamos ao Repensar o Marxismo,vol. 8, no. 3, Calcutá, 1995, citado por Amit Bandyopadhyay, op.cit.

51.Ver o artigo de Ranaji Guha na Fronteira, datado de janeiro de 1971.

52.O Estadista, 23 de janeiro de 1997, ciatdo em Amit Bandyopadhyay, op.cit.

53.Mahasweta Devi, Sattar Dashak O Tarpor, A Década de 1970 e depois, em Bartman Lokayaatik May Dibas Satabarshiki Sankha,vol. 2, no. 1, 1987,pp. 69-74.

54.Suniti Kumar Ghosh, A Grande Burguesia Indiana Sua Gênese, Crescimento e Caráter, Distribuído por Subarnarekha, Calcutá, agosto de 1985.

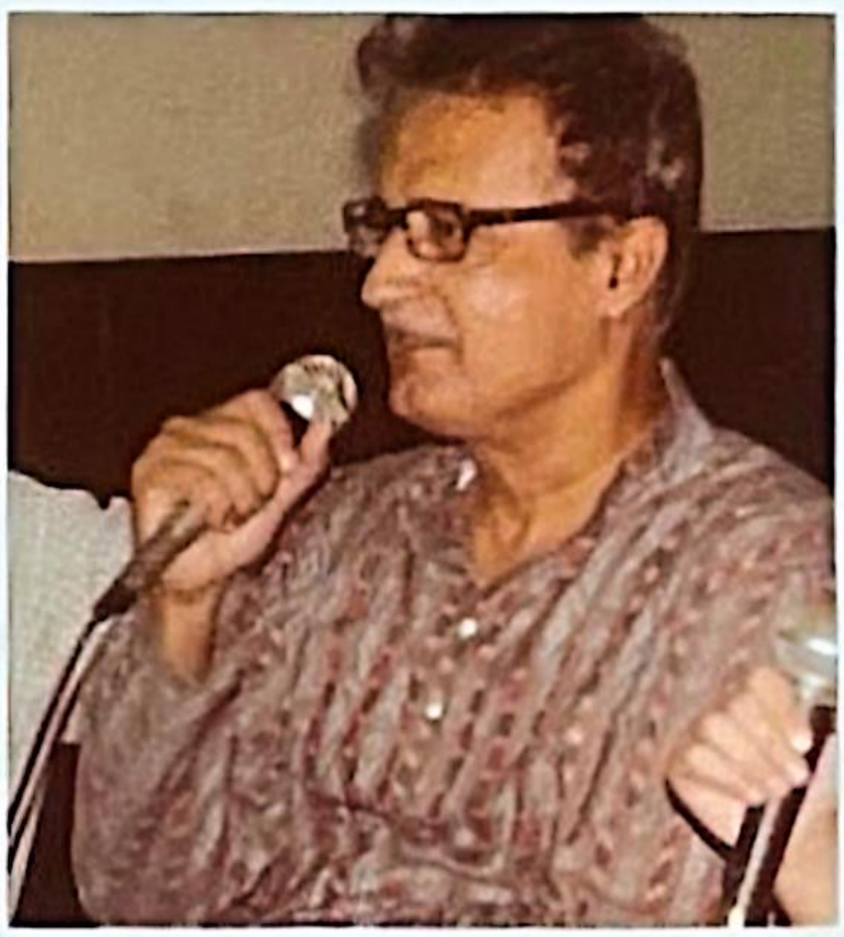
55. Suniti Kumar Ghosh, A Índia e o Raj 1919 – 47 Glória Vergonha e Sujeição.

56. Citado no artigo de Amit Bhattacharya intitulado 'Uma Ruptura com o Passado' em seu Temas Seletos na História Econômica da Índia Moderna, Política de Negócios e Tecnologia, Readers Service, Kolkata, 26 de Janeiro de 2005, PP. 111-136.

57. Citado em ibid.

58.Índia e o Raj, Vol. I p 271.

59. Ibid, p 53

Sobre o autor

Amit Bhattacharyya é professor do Departamento de História da Universidade de Jadavpur, Calcutá, e membro do Comitê Pela Liberdade dos Presos Políticos da Índia.